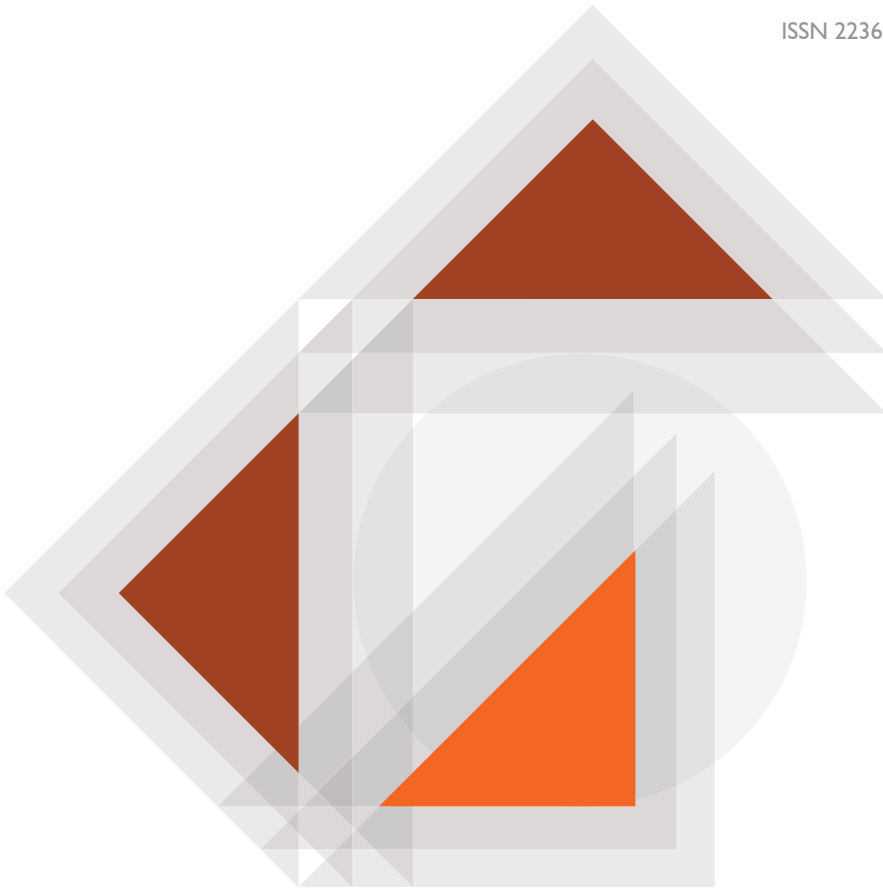




ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade de Brasília

Outubro 2012



O Componente Abstrato da Nova Figuração Argentina: Repercussões no Brasil.

Simone Rocha de Abreu - Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (Prolam - USP)

Resumo: Este artigo se propõe a ressaltar a presença da abstração como componente da chamada Nova Figuração na Argentina, grupo que recebeu o nome de Otra Figuración, enfocando a produção pictórica do artista Luis Felipe Noé dos anos sessenta. Para cumprir esse objetivo foi realizada a leitura de algumas obras de Noé de maneira interdisciplinar, procurando destacar as relações com a produção de artistas contemporâneos e o contexto político-social da época, constituindo assim, o campo de produção do artista. Investigaram-se também as repercussões de duas inserções no ambiente carioca do grupo Otra Figuración, através de exposições em 1963 e 1965.

Palavras-chave: Nova Figuração. Abstração. Brasil. Argentina.

Resumen: Este artículo se propone resaltar la presencia de la abstracción como componente de la llamada Nueva Figuración en la Argentina, grupo que recibió el nombre de Otra Figuración, enfocando la producción pictórica del artista Luis Felipe Noé en

los años sesenta. Para lograr este objetivo se llevó a cabo la lectura de algunas obras de Noé de manera interdisciplinaria, buscando destacar las relaciones con la producción de artistas contemporáneos y el contexto político-social de la época, constituyendo así el campo de producción del artista. Se investigaron también las repercusiones de dos inserciones en el ambiente carioca del grupo Otra Figuración, a través de exposiciones de 1963 y 1965.

Palabras clave: Nueva Figuración. Abstracción. Brasil. Argentina.

Introdução: Otra Figuración

Os quatro artistas que formam o agrupamento *Otra Figuración*, constituído por *Luís Felipe Noé*, *Rómulo Macció*, *Ernesto Deira* e *Jorge de la Vega*, somente expuseram uma vez sob este título (Galeria Peuser, agosto-setembro de 1961, Buenos Aires) e no catálogo escreveram:

“Não constituímos um movimento, nem um grupo, nem uma escola. Simplesmente somos um conjunto de pintores que em nossa liberdade expressiva sentimos a necessidade de incorporar a liberdade da figura.”¹

Noé alegou várias vezes não aprovar o nome *Otra Figuración*, dizendo que a intenção desse agrupamento

¹ Catálogo *Otra figuración*, Galeria Peuser, 23 de agosto a 6 de Setembro, Buenos Aires, Argentina (tradução nossa).

de artistas era a união entre a figuração e a abstração, de fato o grupo volta a expor reunidos, mas sem este termo e a exposição recebe o nome dos artistas. *Jorge Romero Brest*,² então como diretor do *Museo Nacional de Bellas Artes* convida-os para uma exposição neste museu, o que representou a consagração do grupo, isso se deu em 1963 e logo depois o crítico argentino passou a dirigir o *Centro de Artes Visuales* (CAV) do *Instituto Torcuato Di Tella*.

No mesmo ano desta exposição dois artistas desse grupo ganharam o prêmio no *Di Tella*, são eles *Noé* que leva o prêmio nacional e *Macció* o prêmio internacional. Depois do reconhecimento do grupo *Otra Figuración* e premiação de alguns deles, os quatro artistas do grupo saem da Argentina em busca de conhecer, ser conhecido e fazer parte do centro comercial das artes, ou seja, Nova York.

Grupo Otra Figuración no Rio de Janeiro

Em 1963, *Ernesto Deira*, *Luis Felipe Noé*, *Jorge de la Vega* e *Rómulo Macció*, expuseram suas obras na *Galeria Bonino* do Rio de Janeiro, de 4 a 28 de setembro, apresentados por *Geraldo Ferraz*³ a exposição trazia

² *Jorge Romero Brest* (1905 – 1989) foi professor de *Estética y de Historia del arte* nas Universidades de *Buenos Aires* e de *La Plata*. Fundou a revista *Ver y Estimar* (1948 – 1955). Dirigiu o *Museo Nacional de Bellas Artes* entre 1955 e 1963, a partir desta data, e até o seu fechamento em 1970, foi diretor do *Centro de Artes Visuales* do *Instituto Torcuato Di Tella*.

³ *Geraldo Ferraz* (1905-1979): escritor, jornalista e crítico de arte, foi editor de coluna de artes plásticas do *O Estado de S.Paulo*, por este veículo publicou matérias sobre as primeiras Bienais de São Paulo, atuando também com *Sergio Milliet* e *Walter Zanini* no processo de autonomia da Bienal em relação ao *Museu de Arte Moderna de São Paulo*. Ferraz também trabalhou com crítico de arte na cidade do Rio de Janeiro.

somente o nome dos artistas e deixou forte impressão no ambiente cultural da cidade. No catálogo Ferraz contextualizou os quatro jovens artistas como já consagrados no país de origem por uma exposição no *Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires* (MNBA) no mesmo ano em que vieram ao Rio, neste texto Ferraz resgatou passagens do texto elaborado para o MNBA, dizendo:

Naquela oportunidade, Brest propôs o conceito de “neofiguração” com o propósito de resguardá-los de qualquer reacionarismo ou volta à formulação pretérita. “Ser neofigurativo é direcionar-se intencionalmente as formas humanas para extrair desta experiência o ser que pela obra existe, manifestando de maneira mais clara o real, com seu halo de tempo originário”.⁴

Esses mesmos artistas retornaram ao ambiente carioca em 1965 e fizeram uma mostra no *Museu de Arte Moderna* (MAM-RJ) no mês de junho, portanto anteriormente à exposição *Opinião 65*, que abriu em 12 de agosto. Esta exposição também foi apresentada por *Geraldo Ferraz*, que com bastante firmeza e alegria, afirma ter visitados os artistas em seus ateliês portenhos e que eles continuam trabalhando com coesão, mas cada um preserva a sua individualidade, Ferraz escreve:

Trata-se de uma pintura que conflui um expressionismo virulento aberto a toda polêmica e a toda crítica, uma acusação aos “donos da vida” e uma plena liberdade de execução... Recorrem esses argentinos à figura, quase sempre, mas utilizam com igual eficiência

⁴ FERRAZ, Geraldo. Pinturas de Deira, Macció, Noé e de la Vega. Catálogo Galeria Bonino, exposição nº33, Rio de Janeiro, 4 a 28 de setembro de 1963. Apud In: ALONSO, Guillermo. *Nueva Figuración 1961-1965. Deira Macció, Noé e de la Vega. El estalido de la pintura*. Buenos Aires: Asociación Amigos del Museo Nacional de Bellas Artes, 2010, p. 225-226.

o abstrato. Nesse turbilhão de ideias e imagens em que os quatro artistas se movem com uma desenvoltura de forças vivas em liberdade destravada, apoiam-se ou desmoronam conceitos e afirmações, as “verdades eternas” e os conflitos permanentes do homem.⁵

Essa exposição no MAM-RJ reuniu quarenta e sete obras dos quatro artistas, portanto uma exposição que representava de modo amplo os jovens artistas. A *Otra Figuración de Deira, Macció, Noé e de la Vega* novamente impactou o meio artístico é o que confirmam alguns depoimentos de artistas brasileiros destacados a seguir.

Sobre a exposição do grupo *Otra Figuración* e o impacto causado, Rubens Gerchman declarou:

Ela influenciou muito nosso pensamento pela liberdade que eles colocavam em seus trabalhos. Luis Felipe Noé, a quem mais tarde conheceria durante um simpósio em Caracas, me impressionou muito. Eu gostei dele, pois era um pintor sujo e eu sempre fui acusado, até por meus colegas, de ser também um pintor sujo.⁶

A expressão “pintor sujo” com a qual *Gerchman* se refere à *Luis Felipe Noé* foi por diversas vezes substituída por “caótico” quando verteu-se o texto ao espanhol,⁷ o que introduziu uma nova significância pois o caos e a desordem é o tema primordial das obras de *Noé*, porém, a tradução me parece equivocada, defendendo a ideia de que *Gerchman* estaria se referindo a uma característica

⁵ FERRAZ, Geraldo. *Deira, Macció, Noé e de la Vega*. Catálogo de exposição Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a partir de 03 de junho de 1965.

⁶ MORAIS, Frederico (org.) *Opinião 65*. Rio de Janeiro: Galeria de Arte BANERJ, agosto de 1985 (exposição comemorativa dos 20 anos de Opinião 65), sem paginação.

⁷ As traduções do depoimento de *Rubens Gerchman* sobre *Noé* em espanhol foram feitas em diversas ocasiões, como em CASANEGRA, Mercedes. *Noé*. Buenos Aires, Alba, 1988, p.44-46. Apud in: ALONSO, Guillermo. *Nueva Figuración 1961-1965. Deira Macció, Noé e de la Vega. El estallido de la pintura*. Buenos Aires: Asociación Amigos del Museo Nacional de Bellas Artes, 2010, p. 226.

plástica, ou seja o uso por ele e por Noé de cores escuras, em especial o preto.

Antonio Dias declarou que “a exposição de *Bonino* foi mais que um choque. Foi uma alegria, Noé tinha um estilo primitivo e agressivo que admirei.. *Jorge de la Vega* punha uma certa violência, juntava materiais, o que me interessava muito”.⁸

Outro artista brasileiro com importante produção nos anos sessenta que emitiu opinião sobre o grupo argentino foi Carlos Zílio. O artista afirmou que a exposição *Otra Figuración*, ocorrida no MAM-RJ em 65, foi determinante em sua carreira, ele declarou:

“... a exposição *Nova Figuração* dos argentinos no *Museu de Arte Moderna*. Isso foi determinante. Eu comecei a fazer um trabalho muito baseado no trabalho deles, que não tinha mais nada a ver com o Iberê”.⁹

Três dos membros desse grupo *Otra Figuración* tinham sido mostrados anteriormente no MAM-RJ em uma exposição coletiva intitulada *Arte Argentina Contemporânea* em junho de 1961. Esta mostra foi concebida pelo *Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires* (MNBA) e enviada ao MAM-RJ em uma série de acordos que as instituições mantinham naqueles anos, a mostra abrangeu obras de artistas das seis primeiras décadas do século XX, estavam presentes os artistas

⁸ MORAIS, Frederico (org.) *Opinião 65*. Rio de Janeiro: Galeria de Arte BANERJ, agosto de 1985 (exposição comemorativa dos 20 anos de Opinião 65), sem paginação.

⁹ Carlos Zílio em entrevista contida no catálogo *Carlo Zílio Arte e Política 1966 – 1976*. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, s/d, p.15. Zílio foi aluno da Iberê Camargo entre 63 e 64, no Instituto de Belas Artes, Rio de Janeiro.

argentinos do início do século vinte, já consagrados como velhos mestres, além de representantes da pintura abstrata, pintura informalista e como representantes das novas tendências algumas obras de *Luis Felipe Noé*, *Jorge de la Vega* e *Rómulo Macció*. Essa aparição da *Nova Figuração Argentina* por aqui não recebeu a atenção e os comentários que obteve na exposição de 1963 na *Galeria Bonino* na mesma cidade, muito provavelmente porque seus quadros estavam diluídos em uma exposição de grandes proporções e em um total de cento e vinte duas obras.¹⁰

Outra exposição de relevância deste grupo argentino foi organizada pelo MAM-RJ em 1987 para comemorar a doação ao museu de quadros de *Deira*, *Macció*, *Noé* e *de la Vega*, datados da década de sessenta, esta exposição intitulou-se “*Nova figuração Rio/Buenos Aires*”, teve lugar na Galeria do Instituto Cultural Brasil-Argentina e o catálogo incluiu texto de *Paulo Herkenhoff* apresentando algumas aproximações entre os artistas argentinos e cariocas sempre se referindo às obras da década de sessenta.

Luis Felipe Noé: pintor da fúria, do gesto, pintor do homem.

Artista-pintor por excelência, de uma pintura enérgica, pintor argentino, que se identifica com a sua terra, pinta

¹⁰ GARCIA, María Amélia. La Brasilidade de la gestión de Romero Brest em el MNBA. In: Herrera, María José. *Exposiciones de arte argentino 1959-2006: la confluencia de historiadores, curadores e instituciones em la escritura de la historia*. Buenos Aires: Amigos do Museo Nacional de Bellas Artes, 2009, p.123-136.

o homem em seu embate com o mundo tornando-se universal e declarou várias vezes “*pintar es una forma de enterderme con el mundo*”.¹¹ Pintor que moveu o chão do meio artístico argentino nos anos sessenta, mas que não se fixou nesta etapa e, portanto a crítica de arte também não pode fixá-lo. Pintor cujas obras dos anos sessenta podem adicionar argumentos sobre o debate acerca da ruptura nas artes plásticas deste período.

Pintor que vê em *Alberto Greco* o grande iniciador da ruptura dos anos sessenta, percebe em Greco a rebeldia necessária para romper, para fazer o diferente, para romper com o que a conservadora sociedade portenha legitimava como arte. São amigos, convivem, conversam, mas *Greco* se nega a participar do que *Noé* chamou de fusão entre figura e abstração, pois acreditava que a figuração seria um retorno, um passo atrás para as artes plásticas. *Greco* apresentava neste momento obras que se alinhavam às propostas informalistas, procurava o gesto, a matéria da pintura, agregavam-se outros materiais à tela, no estilo das colagens, mas agora se chamavam *assemblagens*, o informalismo opôs-se às boas formas dos valores plásticos da pintura, usou e abusou das cores escuras e dos largos gestos na pintura.

A arte informalista representava o assombro em Buenos Aires, em 1959, duas exposições desta tendência balançam o meio artístico da cidade e aqui devemos citar

¹¹ Depoimento do artista durante entrevista para a revista *Qué Hacemos. Panorama Cultural*, na ocasião da preparação da exposição *Luis Felipe Noé. Pinturas 60 – 95*, ocorrida no *Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires*, entre julho e agosto de 1995. (*Reportaje*. Luis Felipe Noé. *Pintar es una forma de enterderme con el mundo*..In: *Qué Hacemos Panorama Cultural*. Año 16, número 170, maio de 1995, p. 42-45).

a exposição intitulada *Movimento Informalista* na *Galeria Van Riel*, que abriu em 13 de julho de 1959, esta foi a primeira exposição do Movimento Informalista, que reunia *Alberto Greco* e *Kenneth Kemble* dentre outros. Nas obras predominava a matéria, as texturas complexas, o acúmulo e as misturas. O *Museo de Arte Moderno de Buenos Aires* organizou uma exposição para este grupo que se apresentou em novembro de 1959 no *Museo de Artes Plásticas Eduardo Sívori*.¹² O grupo não voltou a expor juntos, mas a pintura informalista continuou presente na cena artística portenha, pois estes artistas passaram a expor individualmente nas galerias da cidade.

Macció, de La Vega, Deira, Noé e Greco compartilhavam o mesmo estúdio de pintura desde a primeira exposição individual de *Noé* em 1959, onde estabeleceram ou fortaleceram amizade. Esta primeira exposição de *Noé* no ambiente artístico de *Buenos Aires* aconteceu na *Galeria Witcomb* em *Buenos Aires*, mesmo ano da segunda exposição informalista no *Museo de Artes Plásticas Eduardo Sívori*.

Nesta primeira exposição individual, *Noé* apresentou quadros escuros, repletos de matéria pictórica e as imagens apareciam somente sugeridas, quase fantasmas. É desse período a obra *Júpiter Tonante* (*Júpiter Trovejante*, 1960, Figura 1), obra que apresenta uma figura antrozoomórfica mergulhada em um ambiente bastante escuro com explosões de cor que abrem uma região de

¹² O *Museo de Arte Moderno* não tinha edifício próprio, motivo pelo qual a mostrou se realizou no *Museo de Artes Plásticas Eduardo Sívori*, na Rua Paraguay, 1033 (edifício demolido para as obras da avenida 9 de julho).



Figura 1 - Luis Felipe Noé, **Júpiter Tonante**, 1960, técnica mista sobre tela, 200X150 cm.

luminosidade, é através do contraste entre claro e escuro que os limites desse monstro se configuram na forma de um homem e bicho que emerge da densa escuridão.

Na superfície da tela, fundo e figura se confundem, se fundindo em vários momentos, até que um golpe de cor

bastante diversa do preto define os limites de um membro da figura, que volta a se fundir com o fundo, é um jogo que prende o olhar do espectador e assim a figura se forma, entre a escuridão e a claridade, entre a altivez do mostro com a mão na cintura e perna levantada e a repugnância daquele quadro escuro, de um preto brilhante e repleto de matéria.

Este monstro antropozoomórfico tem uma espada de luz em uma das mãos, que está levantada pronta para a luta, enquanto a outra mão repousa sobre a sua cintura. Posição ativa dessa figura monstro-homem-bicho com nome de deus da mitologia greco-romana, ele é Júpiter ou Zeus o deus dos deuses. Pai de todos os deuses, o mais poderoso dos deuses Greco-romanos mergulhado na escuridão de Noé. Para que me serve um deus nesta situação quase amalgamado, unido ou fundido na escuridão? Será que ele explica o mundo? Sabemos que a mitologia nasceu para explicar o mundo, mas esse monstro-homem-bicho com nome de deus romano, explica o mundo? Ele explica o mundo da América Latina, especificamente o mundo portenho? Ele é o *Júpiter Tonante* de Noé ou trojevante em português, aquele que troveja, que é ruidoso, que tem uma espada de claridade na mão, pronto para bravar.

Luis Felipe Noé antes de expor com o grupo *Otra Figuración* fez mais três individuais em *Buenos Aires*, duas delas ocorreram no ano de 1960, uma na *Galeria Kala* (maio de 1960) e a outra na *Galeria Van Riel* (novembro de 1960). As obras desse período são devedoras da atitude informalista, como já foi mencionado na obra

Júpiter Tonante, tão presente na cena artística portenha, tão condizente com a sua amizade e as proveitosas conversas com *Alberto Greco*, falo da pintura gestual, com muita tinta, formando grosas capas de tinta e às vezes, unindo outros materiais à tinta, outras vezes a tinta escorre denunciando a pintura que tem outras preocupações exceto o bem fazer, outro recurso ligado ao informalismo que aparece nessas telas, é a raspagem, a tela é agredida por um instrumento ponte-agudo, este recurso aparece somente em algumas áreas das obras. Predomínio de cores escuras, preto sujo, um preto formado por cores, o que é denunciado pelo olhar atento.

A última exposição de *Noé* antes da formação do grupo *Otra Figuración*, ocorreu na *Galeria Bonino*, esta mostra de denominou “*Série Federal*” e foram expostas treze grandes pinturas que dialogam com um período histórico argentino pertencente ao século XIX, se trata da Guerra Civil entre *Unitarios* que queriam a concentração de poderes em *Buenos Aires* e os *Federais* que almejavam a descentralizavam do poder e assim, as províncias argentinas governadas com autonomia, guardariam certa independentemente de *Buenos Aires*, a antiga capital do vice-reinado do Rio da Prata.

Faz parte da “*Série federal*” a obra *Imagen Agónica de Dorrego* (1961), onde uma figura, talvez uma caveira, emerge do escuro com a boca aberta, gritando, em um desespero sem fim. Em meio a muita escuridão aparecem áreas com predomínio de vermelho e amarelo, áreas logo interrompidas, por arranhões na tela, ou por golpes de cor preta. A obra expressa muita confusão, medo e violência,

novamente a pintura foi feita com muita matéria, o artista usou muito preto, um preto brilhante e absolutamente forte que parece aprisionar a figura. Novamente aparecem a pintura gestual e livre, a tinta que escore, parecendo ter sido atirada contra a tela, aparece também a agressão ao espaço pictórico através do arranhar da tela. É uma obra que transborda exacerbadas emoções.

O título da obra fala em *Dorrego* que foi personagem dessa guerra entre federalistas e unitaristas, mas *Noé* não faz um retrato da personagem, o artista somente alude a *Manuel Dorrego*, percebe que sabemos que se trata deste personagem somente pelo título, personagem deste embate civil que foi morto pelos unitaristas em 1828, após perder o poder sobre Buenos Aires, por apresentar uma postura governamental favorável à autonomia das províncias argentinas, esse fato reacendeu a *Guerra Civil* entre os unitaristas e federalistas.

No mesmo ano que a *Serie Federal*, *Noé*, *de La Vega*, *Deira* e *Macció* decidem pela exposição *Otra Figuración*, um agrupamento de artistas para promover com muita liberdade a união entre a figuração e a abstração e assim, acabasse com a querela entre as duas tendências. Após esta exposição os quatro artistas do grupo viajam a Paris, *Noé* viajou devido uma bolsa que recebeu do governo francês, foi de navio junto com *de la Vega*, uma viagem longa recheada por longas conversas. E ao chegar a Paris descobriram que todos falavam de Nova York. *Deira* y *Macció* foram um pouco depois, como bolsistas do *Fondo Nacional de las Artes*.

Noé apresentou uma novidade em sua obra quando estava em Paris, e a novidade recebeu o nome de *cuadro dividido*, o artista rompeu com a unidade dentro da pintura, apresentando múltiplas atmosferas em planos diferentes. É desse momento a pintura intitulada *Mambo* (Figura 2, 1962), onde existem três atmosferas, a superior onde uma grande cabeça surge na pintura de grandes gestos em tons de cinza, a parte inferior da obra que se constitui no verso de uma tela (o artista deixa ver a estrutura do bastidor da tela) e um corpo multicolorido recortado formando um



Figura 2 - Luis Felipe Noé, *Mambo*, 1962. Técnica mista sobre tela e madeira, 190 X 192 cm. Col. Flia. Noé.

terceiro plano desta pintura. Porque o artista almeja planos diferentes para a sua pintura?

Com a obra ***Introducion a la esperanza*** de 1963 (Figura 3), Noé ganhou *Premio Nacional do Instituto di Tella*, esta obra apresenta vários planos, várias atmosferas pictóricas, dialogando com a visão quebrada desenvolvida com *Mambo*. Na parte inferior aparecem inúmeras cabeças pintadas quase que exclusivamente em tons entre o preto e o branco, com as bocas abertas eles parecem estar em coro, marchando todos juntos, como se estivessem em procissão e as telas acima seriam os cartazes que a multidão ostenta.



Figura 3 - Luis Felipe Noé. ***Introducion a la esperanza***, 1963.
Técnica mista sobre tela, 197 X 195 cm. Museo Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires.

Já os cartazes que carregam são coloridos, o artista sugere uma oposição entre a cinzenta multidão e os cartazes coloridos. Os cartazes trazem referências diversas, em um deles aparece Perón, outro alude a um time de futebol e a sua bandeira (Campeon), outro traz a informação escrita de que *Cristo habla em el luna park*, mencionando uma citação da mídia da época que ao mencionar um evento religioso no espaço chamado luna park, trouxe esse insólito slogan, outros cartazes aparecem, configurando a sociedade portenha como uma sociedade caótica e de interesses tão díspares como futebol, política de adoração cega (referência ao peronismo) e catolicismo extremado.

Considerações finais

As leituras das obras de Noé realizadas apontam para o emprego do ideário da pintura informalista, representado pela pintura gestual, com grandes quantidades de tinta, formando grossas capas de tinta que algumas vezes eram agregadas a outros materiais não clássicos desta linguagem artística. Outras vezes a tinta escorre denunciando a pintura que tem outras preocupações exceto o bem fazer ou a reprodução da realidade, outro recurso ligado ao informalismo que aparece em algumas obras de Noé, é a raspagem, a tela é agredida por um instrumento pontiagudo, este recurso aparece somente em algumas áreas das obras.

Vimos, portanto, através das obras de Noé dos anos sessenta, o componente abstrato informalista da produção

da chamada *Nova Figuração Argentina*, mostrando que longe de categorias antagônicas a abstração está presente na ruptura na produção pictórica que a *Nova Figuração* representou nos anos sessenta.

O levantamento das repercussões no Brasil das exposições realizadas por *Noé, Deira, Macció e de Vega* no Rio de Janeiro evidenciam diálogos entre esses artistas e o Brasil, diálogo que, como demonstrado, já vinha sendo explorado pelo *Museu de Arte Moderna* do Rio de Janeiro e *Museo Nacional de Bellas Artes* de Buenos Aires. É notável perceber que os artistas da *Otra Figuración* chegaram ao Rio, com obras que se propunham à comunicação com o espectador, clamavam a liberdade e denunciavam situações repressivas, é justamente por isso disseram tanto aos artistas brasileiros que também viviam sob-regime de exceção naquele momento.

Referências bibliográficas:

- ANAYA, Jorge López. Historia Del arte argentino. Buenos Aires: Emecé, 2000.
- BAUR, Sergio (coord.). 1961: A Arte Argentina na Encruzilhada: Informalismo e Nova Figuração. São Paulo: SESI-SP arte, 2009. Catálogo de exposição realizada no Centro Cultural Fiesp – Ruth Cardoso, Galeria de Arte do Sesi, São Paulo, 2009 (textos de Sergio Baur e Roberto Amigo).
- BREST, Jorge Romero. Deira, Macció, Noé, de la Veja. Catálogo exposição Buenos Aires. Museo Nacional de Bellas Artes, 15 de junio al 7 de julio 1963.
- CANOGLIA, Ligia. O legado dos anos 60 e 70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CASANEGRÁ, Mercedes; ALONSO, Guillermo. Nueva Figuración 1961-1965. Deira-Macció-Noé- de La Veja. El estallido de La pintura. Buenos Aires: Asoc. Amigos Del Museo Nacional de Bellas Artes, 2010.
- CASTILHO, Abelardo; FORN, Juan; CASANEGRÁ, Mercedes. Nueva Figuración. Pintura Argentina. Panorama del período 1810-2000. Proyecto Cultural Arte para Todos. Banco velox. Buenos Aires, 2000.
- DEIRA, Ernesto; MACCIÓ, Rómulo; NOÉ, Luis Felipe; VEGA, Jorge de la. Deira,

Macció, Noé, de La Vega. Catálogo da exposição no Museo Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires, 15 de Junho a 7 de Julio de 1963.

DUARTE, Paulo Sérgio. Anos 60: transformações da arte no Brasil. Rio de Janeiro: Campos Gerais, 1999.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. Ditadura, democratização e o tempo mais recente (1968-2002). In: _____ Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002). São Paulo: Editora 34, 2004.

FERRAZ, Geraldo. Pinturas de Deira, Macció, Noé e de La Vega. Catálogo Galeria Bonino. Exposição nº 33, Rio de Janeiro, 4 a 28 de setembro de 1963.

GIUNTA, Andrea. Vanguardia, internacionalismo y política. Arte argentino en los años sesenta, Buenos Aires, Paidós, 2001.

GLUSBERG, Jorge (curador). Luis Felipe Noé pinturas 60 - 95. Buenos Aires: Museo Nacional de Bellas Artes, 1995. Catálogo de exposição que ocorreu no Museo Nacional de Bellas Artes de Julio a agosto de 1995.

HERKENHOFF, Paulo. Nova Figuração Rio/Buenos Aires. Catálogo de exposição na Galeria do Instituto Cultural Brasil-Argentina, Rio de Janeiro, 16 de novembro a 16 de dezembro de 1987.

HERRERA, Maria José. Exposiciones de arte argentino 1959-2006: la confluência de historiadores, curadores e instituciones em la escritura de la historia. Buenos Aires: Amigos do Museo Nacional de Bellas Artes, 2009.

HOLLANDA, Heloisa B. de; GONÇALVES, Marcos A. Cultura e participação nos anos 60. São Paulo; Brasiliense, 5ª edição, 1982.

KLABIN, Vanda Mangia. Carlos Zílio Arte e Política 1966 – 1976. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, s/d. Catálogo de exposição.

MORAIS, Frederico. A volta à figuração. Anos 60. História da Pintura no Brasil n 5. São Paulo: Itaú Cultural, 1994.

_____. Cronologia das Artes Plásticas no Rio de Janeiro – Da missão Artística Francesa à Geração 90 - 1816 -1994. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

_____. Opinião 65. Catálogo de mostra comemorativa dos vinte anos da célebre exposição Opinião 65. Rio de Janeiro: Galeria de Arte Banerj, agosto de 1985.

PECCININI, Daisy. Figurações Brasil: Brasil anos 60. São Paulo: Edusp, Instituto Cultural Itaú, 1999.

REIS, Paulo. Arte de Vanguarda no Brasil: os anos 60. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.